

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ELABORAÇÃO DE PROJETOS DE PESQUISA

Vinicius Ortiz de Camargo¹

“Num [...] mundo que depende não só da solução de problemas mas também da descoberta deles [...] nenhuma capacidade é mais útil do que a de reconhecer e enunciar um problema de maneira clara e concisa, uma capacidade de certo modo ainda mais importante do que a de resolvê-lo. Se você consegue fazer isso em um curso sobre história medieval chinesa, então conseguirá fazê-lo num escritório comercial ou num gabinete do governo”. (1)

Passo básico no desenvolvimento de qualquer pesquisa de caráter científico, o projeto de pesquisa, de uma forma geral, constitui-se num conjunto de procedimentos próprios do fazer científico, visando consolidar caminhos consistentes e claros para o desenvolvimento de uma pesquisa científica. De modo que não há pesquisa sem sua utilização. Apesar dos diferentes recortes e focos sob os objetos particulares das distintas áreas científicas, todas elas, sem sombra de dúvida, recorrem ao projeto de pesquisa enquanto um instrumento fundamental para dar cabo à pesquisa.

Seja caracterizado como um instrumento, um procedimento, ou um conjunto de estratégias, o projeto contém os elementos essenciais do planejamento da pesquisa e, como tal, sendo uma forma de planejamento, encerra alguns padrões comumente aceitos no campo científico. Geralmente, o projeto apresenta os seguintes itens: Título, Resumo, Palavras-Chave, Introdução, Revisão da Literatura–Fundamentação Teórica, Justificativa e Relevância da Pesquisa, Objetivos, Hipótese(s), Métodos e Técnicas de Pesquisa, Cronograma e Bibliografia. (2)

Cada item desempenha um papel importante para o desenvolvimento da pesquisa. O Resumo, escrito na voz ativa, as Palavras-Chave e a Introdução são os últimos itens a serem desenvolvidos num projeto. Todos, de uma forma ou de outra, apresentam o tema, os objetivos, os conceitos-chaves e hipóteses que nortearão a pesquisa assim como, e esta é uma questão fundamental, por meio da introdução tenta-se demonstrar a importância de se alcançar determinados resultados da pesquisa. Estes itens estão intrinsecamente ligados à Revisão da Literatura–Fundamentação Teórica, Objetivos, hipóteses e à Justificativa e Relevância da Pesquisa, elementos fundamentais para traçar com consistência e coerência o que se quer pesquisar. Outro elemento importante do projeto refere-se aos Métodos e Técnicas de Pesquisa, pois é nele que se discutirá como será feita a pesquisa e qual o instrumental a ser utilizado. Por sua vez, sem uma discussão minuciosa sobre os métodos e as técnicas de pesquisa a serem utilizados, fica impossível estabelecer o Cronograma de pesquisa, dimensionar as etapas, o custo da mesma e a disponibilidade de tempo do pesquisador. (3)

¹ Docente da Faculdade Integrado de Campo Mourão. Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista - UNESP (1998); Mestre em Ciências Sociais pela UNESP (2003) e Doutorando em Ciências Sociais pela UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos.

De um modo ou de outro, qualquer pesquisador deve enfrentar estes elementos, seja um graduando ou um pós graduando, o que muda é o grau de maturidade e de complexidade do projeto e, concomitantemente, da pesquisa. Entretanto, quando pensamos na estrutura de ensino corrente dos cursos de graduação, com seu baixo nível de prática de pesquisa, e o papel da disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica na estrutura curricular, com carga horária de 72 horas e ministrada, frequentemente, nos primeiros anos da graduação, a aplicação em sala do projeto de pesquisa, por esta disciplina, pode tornar-se um verdadeiro martírio ao discente, contribuindo mais para ele perder o gosto pela pesquisa do que tomá-la como algo fundamental de sua formação.

Tais considerações devem ser feitas porque, geralmente, o discente que inicia o curso de graduação nunca aprendeu a aprender, não desenvolveu um espírito de autonomia e no ambiente escolar aprendeu a ser, quando muito, um bom assimilador. Nada assustador num sistema escolar quantitativista e unilateral. Assim, quando este aluno entra no ensino superior vem sem noção do que é fazer um resumo, ele geralmente faz cópia, sem a menor condição para desenvolver uma pesquisa acadêmica que exige uma capacidade, pelo menos mínima, de interpretação e consistência argumentativa. (4)

Em tal contexto “*deseducativo*”, o professor de Métodos e Técnicas de Pesquisa “*samba*” e precisa criar estratégias que dêem as mínimas condições para o discente entender e começar desenvolver uma pesquisa acadêmica ou, pelo menos, desenvolver um projeto de pesquisa um pouco mais consistente.

Nesse sentido, torna-se necessário ir com calma e não assustar desde cedo o aluno com a apresentação de todo um conjunto de técnicas para se fazer pesquisa. O aluno poderá se perder num mundo de técnicas, etapas, itens; vão segui-los mecanicamente e, provavelmente, vão querer decorar e copiar tudo sem entender o significado dos mesmos.

Portanto, o professor de Metodologia de Pesquisa deve ter a sensibilidade e a preocupação, não-conteudista, de começar a desenvolver, passo a passo, formas de inserir o discente no universo da pesquisa de modo

que o mesmo compreenda suas peculiaridades e se lance na mesma sem ficar preso aos excessos de formalismos que, geralmente, a disciplina promove. É preciso desenvolver estratégias que garantam que o discente possa, paulatinamente, ir construindo seu projeto de pesquisa. (5)

Diante de tais considerações, o primeiro passo, muito ligado a disciplina de Língua Portuguesa, é fazer com que o aluno seja capaz de resumir um texto como, também, criticá-lo, saber, na leitura de um texto científico, detectar a tese do mesmo, os argumentos-chaves que o autor utiliza para desenvolver sua tese, seu problema principal, assim como ser capaz de estabelecer contra-argumentos consistentes, fundamentados, tecendo uma crítica que se baseia no conhecimento de outras leituras sobre o mesmo assunto. Sem o aluno ter dado este passo, discutir projeto de pesquisa é uma hipocrisia, pois como o aluno poderá desenvolver um problema de pesquisa se o mesmo nem consegue achar o problema de um texto científico?

Se o aluno já tem condições de dar este passo, o professor já pode inserir os primeiros elementos para o desenvolvimento do projeto. Estes elementos, entretanto, nada tem a ver com a apresentação “*forçada*” dos itens referentes ao projeto, o que pode provocar o risco de jogar o aluno num excesso de formalismo, numa segmentação excessiva da pesquisa. Nestas condições pedagógicas o discente, costumeiramente, começa por onde ele menos deveria, a definir o título e a fazer a introdução do projeto. Por isso, a primeiro aspecto do projeto a ser discutido com os alunos refere-se ao desenvolvimento do problema de pesquisa.

O problema de pesquisa, seu desenvolvimento, pode e deve ser feito antes do cumprimento das etapas do projeto, por duas razões básicas: a) não é possível fazer uma pesquisa, muito menos planejá-la, sem ter em mente o que se quer pesquisar, ou melhor, sem ter definido o que não sabe e quer saber; e b) quando se desenvolve um problema de pesquisa consistente já se está trabalhando com partes substanciais de um projeto de pesquisa – a parte referente à revisão da literatura/fundamentação teórica, à justificativa e relevância e aos objetivos e hipóteses da pesquisa. (6)

Neste sentido, orientar o aluno na formulação do problema de pesquisa exige que o mesmo, nas suas aulas de resumos e resenhas de textos científicos, perceba que seu trabalho não pode destoar, pelo menos completamente, da coerência, consistência, originalidade e objetivação dos problemas levantados nos textos científicos. E mais, para formular o problema, aquilo que ele não sabe e quer saber, o discente deve, primeiramente, definir e delimitar o seu tema de pesquisa, pois, logicamente, seu problema de pesquisa deriva, diretamente, do tema escolhido para investigação. Outra questão fundamental é que o discente não deve contentar-se apenas com a formulação do problema de pesquisa, o mesmo deve buscar argumentos que demonstrem a importância de responder ao seu problema de pesquisa, ou seja, o que devemos esperar da investigação acerca do problema de pesquisa, traçando as hipóteses do trabalho.

Tais questões resumem-se, portanto, a três passos básicos: a) escolher um tema de pesquisa e delimitá-lo; b) questionar o tema de maneira que surjam questões pertinentes acerca do mesmo e na qual o discente possa escolher aquela questão mais representativa, significativa, interessante; e c) justificar, demonstrar os custos de não responder e os benefícios de se responder ao problema de pesquisa formulado.

O cumprimento destes três passos pedem, necessariamente, que o discente, desde o início, trave um diálogo com o interlocutor de sua pesquisa, ou seja, exige-se que o pesquisador não formule um problema de pesquisa apenas para sua satisfação pessoal ou para atender às necessidades do professor, mas que seja relevante aos interlocutores de sua área de pesquisa e de seu curso. Isso forçará o aluno a desenvolver uma argumentação consistente, coerente, capaz de interessar e convencer o leitor. (6)

Nesse sentido, cada uma destas etapas exigirá do discente uma leitura prévia. Uma leitura para definir o tema de modo que o mesmo seja delimitado e manifeste interesse para o discente; uma leitura mais específica sobre o tema já delimitado para que o discente possa formular questões mais complexas e de relevância; e, num terceiro momento, uma leitura que lhe dê subsídios conceituais para poder demonstrar, ainda que previamente, os

benefícios de se responder ao problema de pesquisa formulado.

Ora, tais exigências já garantem, pelo menos de uma maneira inicial, que o discente já desenvolva, sem necessariamente saber, algumas partes fundamentais do projeto de pesquisa. As leituras feitas vão contribuir para o desenvolvimento da revisão da literatura e da fundamentação teórica, assim como contribuirão para o desenvolvimento da parte referente à justificativa e relevância da pesquisa e, quanto a formulação do problema e suas justificativas, ambas comporão os objetivos do projeto, o objetivo geral - aquilo que o pesquisador não sabe e quer saber - e os objetivos específicos - os resultados a que se espera chegar assim como os passos para se chegar ao objetivo geral, traçando, com isso, as hipóteses. (7)

Acredita-se que, dessa maneira, o discente compreenda mais facilmente algumas partes constituintes do projeto de pesquisa, construindo-as de uma maneira dinâmica sem, necessariamente, segmentá-las mecanicamente.

Até as partes do projeto referentes ao método a e ao cronograma ficam mais claras, já que o discente sabe o que quer pesquisar, já consegue visualizar, ainda que não claramente, os resultados que pretende alcançar (hipóteses). Fica mais fácil, portanto, discutir quais os passos a serem dados para resolução do problema de pesquisa e quais os instrumentais necessários para a realização destes passos, ainda que nestas partes o discente tenha muitas dificuldades de definir as estratégias metodológicas mais adequadas e, também, tenha pouca disciplina para uma coleta de dados sistemática, consistente. Ao docente também não é fácil, pois a discussão sobre qual o melhor método a ser utilizado envolve a especificidade do objeto de investigação de cada curso, o foco particular de cada área de conhecimento e, portanto, tendo uma formação específica (psicólogo, historiador, sociólogo ou filósofo), este docente deverá, aos poucos, ir incorporando as formas particulares de focalização, as bases teórico-conceituais e o recorte dos objetos de cada curso.

Enfim, a defesa das estratégias acima discutidas, parte do pressuposto de que o desenvolvimento de uma pesquisa científica requer um conjunto de procedimentos

específicos, técnicas e instrumentações próprias que vão definir este tipo de atividade a partir do princípio básico da defesa de uma idéia consistente, clara, coerente, capaz de demonstrar um problema relevante não apenas para o pesquisador como para os seus interlocutores.

Todavia, por se tratar do campo científico, as idéias devem se transformar num tipo de tese, demonstrada enquanto um problema que não se sustenta simplesmente na medida em que resolve um problema prático- imediato, ou na medida em que é suficiente para atender as suas expectativas. A pesquisa científica requer um trato particular, nela estabelece-se uma “*proposição que se enuncia, que se expõe e se sustenta*”, não por que eu ou um grupo avalidaram-na, mas por que a força de sua argumentação e de seus fundamentos articulam-se a uma afirmação central, cuja resposta, não absoluta, reporta-se a um problema passível de levar o leitor a rever suas proposições e, ao mesmo tempo, dando condições para que novas problemáticas sejam levantadas a partir dela. Nesse sentido, a **condição** de um problema de pesquisa não pode ser definida por uma situação qualquer, mas “[...] *é sempre definida por uma série bastante reduzida de conceitos* [...]” (8) (grifos meus). A pesquisa também pressupõe que não responder ao problema implicaria em não entendermos ou compreendermos algo ainda mais significativo.

“Um pesquisador avançado precisa mostrar que, por não saber ou entender alguma coisa, não pode saber ou entender algo ainda mais importante. Precisa responder à pergunta: E daí?” (8) (grifos meus).

Assim, esta aula tem por objetivo trazer algumas técnicas, demonstrar alguns passos que possam ajudar a construir e desenvolver um projeto de pesquisa, a fazer as perguntas certas, a identificar e delimitar o objeto de análise e levantar nele uma problemática, ponto de apoio fundamental para nos orientar, para nos indicar a(s) hipótese(s), **onde** e **como** deveremos chegar em nossa pesquisa.

Sabemos que isto não é fácil, que no desenvolvimento de um projeto de pesquisa não pode haver **precipitação e suposições vagas**. Também é necessário levar em conta que este planejamento não é definitivo, ele é permeado por idas e vindas, podendo abrir vários caminhos. Por isso a necessidade de **delimitação**, de se analisar um caminho, formular um problema consistente verificando sua possível **relevância** e, mesmo assim, podemos não encontrar uma saída, tendo que **retornar** ou **refazer** os passos. Portanto, não se deve **precipitar**. (7)

Por fim, esperamos que neste caminhar o aluno possa inserir-se no universo da pesquisa científica e que, neste âmbito, saia da posição de mero **reprodutor do conhecimento**, saiba **criar e problematizar**, o que lhe dará subsídios para o desenvolvimento da **autonomia** estudantil, questão de sobrevivência dentro e fora do círculo acadêmico, pois:

Num [...] mundo que depende não só da solução de problemas mas também da descoberta deles [...] nenhuma capacidade é mais útil do que a de reconhecer e enunciar um problema de maneira clara e concisa, uma capacidade de certo modo ainda mais importante do que a de resolvê-lo. Se você consegue fazer isso em um curso sobre história medieval chinesa, então conseguirá fazê-lo num escritório comercial ou num gabinete do governo.(1).

Entendemos, portanto, que fazer pesquisa no ensino superior não significa, simplesmente, estimular a especialização precoce dos alunos ou torná-los capacitados para este ou aquele tema ou área específica. Antes de tudo, a disciplina Metodologia da Pesquisa Científica, ao incentivar a iniciação científica, busca contribuir para a construção de profissionais autônomos, capazes de articular teoria e prática em suas áreas de atuação, com condições de diagnosticar e intervir criticamente numa pluralidade de contextos. A pesquisa no ensino superior não deve ser entendida como uma atividade secundária ou complementar, ao contrário, ela deve nortear todo o processo de construção dos saberes que envolvem a formação profissional, bem como suas áreas de atuação.

Vinicius Ortiz de Camargo

Endereço para correspondência: Av. Irmãos Pereira, 670

CEP 87301-010. Campo Mourão, Paraná.

Telefone: (44) 3523-1982;

e-mail: ortiz_vinicius@yahoo.com.br

Recebido em 23/11/06

Aceito em 29/11/06

REFERÊNCIAS

- (1) BOOTH, W.C.; COLOMB, G.G.; WILLIAMS, J.M. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.83.
- (2) ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBRs 6023**. Rio de Janeiro, 2002.
- (3) ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBRs 10520**. Rio de Janeiro, 2002.
- (4) DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- (5) LIMA, M.C. **Monografia**: a engenharia da produção acadêmica. São Paulo: Saraiva, 2004.
- (6) GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.
- (7) SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2002.
- (8) BOOTH, W.C.; COLOMB, G.G.; WILLIAMS, J.M. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.69.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.